



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-3348

E-ISSN 2316-3801

DOI - 10.17564/2316-3801.2017v6n2p199-208

SEXUALIDADE E COR EM BECOS DA MEMÓRIA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

SEXUALITY AND COLOR IN *MEMORY ALLEYS*, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

SEXUALIDADE Y COLOR EN *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Sarah Silva Fróz¹

Silvana Maria Pantoja dos Santos²

RESUMO

O romance *Becos da memória* (2013), da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, é composto por uma colcha narrativa em que há um entrelaçamento de memórias coletivas e individuais de moradores de uma favela em processo de demolição. Ao que se pode induzir, o contexto histórico remete ao início do século XX. A narradora-personagem Maria-Nova tece os fios soltos da narrativa, ao tempo em que vai ressignificando as memórias que envolvem sua história de vida e a dos outros moradores. Nessa conjuntura, este trabalho intenciona esquadrihar as vivências da personagem Dora, a fim de (des)construir as imagens estereotipadas dos negros como aqueles detentores

de um apetite sexual selvagem “só corpo, sem mente” (HOOKS, 1995, p. 449). A pesquisa é fundamentada na visão de Bell Hooks (1995), Stuart Hall (2003) e Frantz Fanon (2008). A personagem Dora representa a mulher negra empoderada, consciente da sua negritude, por meio dela pretendemos esquadrihar a representatividade da mulher negra na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

Corpo. Literatura Afro-brasileira. Empoderamento.

ABSTRACT

The romance *Becos da Memória* (2013), by afro-Brazilian writer Conceição Evaristo, is composed of a narrative quilt in which there is an interweaving of collective and individual memories of residents of a favela suffering a demolition process. In what can be induced, the historical context refers to the beginning of the twentieth century. The narrator-character Maria-Nova weaves the loose threads of the narrative, at the same time as she marks out the memories that surround her life story and that of the other residents. In this context, this work intends to explore the experiences of the character Dora, in order to (de)construct the stereotyped images of blacks as those who

have a savage sexual appetite “only body, without mind” (HOOKS, 1995, p.449). The research is based on the views of Bell Hooks (1995), Stuart Hall (2003) and Frantz Fanon (2008). The character Dora represents the empowered black woman, aware of her blackness, and through her we seek to scrutinize the representation of the black woman in society.

KEYWORDS

Body. Afro-Brazilian Literature. Empowerment.

RESUMEN

La novela de la escritora afro-brasileña Conceição Evaristo, está compuesta por una narrativa en la que hay un entrelazamiento de memorias colectivas e individuales de moradores de una favela en proceso de demolición. Al que se puede inducir, el contexto histórico remite a principios del siglo XX. La narradora-personaje Maria-Nova teje los hilos sueltos de la narrativa, al tiempo que va resignificando las memorias que envuelven su historia de vida y la de los demás habitantes. En esta coyuntura, este trabajo intenta escudriñar las vivencias del personaje Dora, a fin de (des)construir las imágenes estereotipadas de los negros como aquellos poseedores de un ape-

tito sexual salvaje “solo cuerpo, sin mente” (HOOKS, 1995, p.449). La investigación se basa en la visión de Bell Hooks (1995), Stuart Hall (2003) y Frantz Fanon (2008). El personaje Dora representa a la mujer negra empoderada, consciente de su negritud, a través de ella pretendemos escudriñar la representatividad de la mujer negra en la sociedad.

PALABRAS CLAVE

Cuerpo. Literatura Afro-brasileña. Empoderamiento.

1 INTRODUÇÃO

Becos da Memória (2013) é um romance memorialístico escrito por Conceição Evaristo, que narra a trajetória de indivíduos que vivem numa favela¹ em processo de demolição. A obra é feita a partir dos fragmentos de narrativas e memórias de indivíduos excluídos da teia social, de personagens que vivenciaram a escravidão, de crianças, prostitutas, bêbados, enfim de seres que foram postos à margem da sociedade. Neste caso usamos o termo marginal não para denotar algo negativo, ou de natureza transgressora, mas para falar de indivíduos que estão fora da teia social, os subalternizados – negros, pobres, mulheres negras, LGBT's (gays, lésbicas, bissexuais, travestis e simpatizantes) dentre outras “minorias”.

As histórias de vida das personagens da narrativa problematizam as questões de opressão de gênero, raça e classe, uma vez que os retalhos perdidos da colcha memorialística são gradualmente costurados, ao tempo em que as histórias nos são apresentadas. As noventa e cinco trajetórias de vida que permeiam a obra vão se entrecruzando pela visão de uma menina de 13 anos, a personagem Maria Nova, que vai costurando e mesclando as suas memórias com as dos indivíduos da favela, constituindo-se assim como uma colcha de retalhos de vida.

Dentre os becos e ruelas do lugar encontram-se os personagens Dora e Negro Alírio que representam um casal étnico-racial. Primeiramente estes são apresentados com características estereotipadas, como aqueles em que a sexualidade exala pelos poros, corpos convidativos, propícios aos prazeres, mas com o delinear da trama mostram-se empoderados, consciente da sua negritude.

O termo negritude é pensado na perspectiva de identidade, Kabengele Munanga (2012). Este autor afirma que este termo nasce “a partir da tomada de

1. Ressaltamos que, assim como a autora Conceição Evaristo prefere o termo favela ao invés de comunidade, também adotaremos esta nomenclatura, pois acreditamos que só mudar os termos não altera a realidade social dos indivíduos que vivem nas periferias e isto não lhes concederá liberdade dos grilhões da discriminação e opressão que vivenciam.

consciência das diferenças entre nós e os outros, não creio que o grau dessa consciência seja idêntica entre todos os negros” (MUNANGA, 2012, p. 11). Percebe-se que o autor aponta para as diferenças dentro de um próprio grupo étnico, envolvendo questões identitárias: fator histórico, psicológico e linguístico. Dentre esses, Munanga afirma ser o histórico o mais importante: “o essencial para cada povo é reencontrar o fio condutor que o liga ao seu passado ancestral o mais longínquo possível” (MUNANGA, 2012, p. 12).

Nessa conjuntura Conceição Evaristo busca reconstituir as identidades perdidas de homens e mulheres negros, no romance *Becos da Memória* (2013), na tentativa de (re)criar uma história dos ditos subalternizados, criando espaços para dar voz aos excluídos.

O objetivo deste trabalho é compreender como Conceição Evaristo (des)constrói a figura da mulher negra em *Becos da Memória* criando uma imagem positiva desta na literatura. Para tanto, o foco recai sobre a personagem “Dora”, apresentada como um indivíduo empoderado², uma mulher independente que faz do próprio corpo um lugar de prazer, não sendo apenas objeto, mas também sujeito. A narradora evoca a história da personagem Dora e pontua de maneira simbólica a localização do seu barracão, como um ponto de passagem obrigatório, como se sua vida fosse feita de encontros, acasos e passagens.

2 COR, GÊNERO E SEXUALIDADE

Angela Figueiredo (2015) em seu texto, *Carta de uma ex-mulata à Judith Butler*, discorre acerca das

2. O empoderamento de mulheres é o processo de conquista de autonomia, da autodeterminação. E trata-se para nós ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica para nós a liberdade das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Para as feministas latino-americanas em especial, o motivo maior do empoderamento das mulheres é questionar e desestabilizar e por fim, acabar com a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero “[...] Além de assumirmos o controle sobre nossos corpos, nossas vidas”. (SARDENBERG, 2006, p. 30).

categorias de cor e identidade, pontua que no Brasil perduram três classificações de cor, primeiro tem-se a classificação do Instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE) e também “os inúmeros termos empregados na cultura popular e a classificação bipolar negro e branco” (FIGUEIREDO, 2015, p. 155). Nesta perspectiva, podemos inferir que a autora vê que a questão da cor tem sido bastante discutida dentro das classificações da cultura brasileira, pois geralmente têm-se dois polos, o branco e o negro, entretanto sabemos que há outras denominações entre essas duas denominações. “São empregados no cotidiano para a classificação da cor, as categorias oficiais do censo demográfico limitam-se a cinco: brancos, pretos, pardos, indígenas e amarelos” (FIGUEIREDO, 2015, p. 155).

Ressaltamos que a categoria da cor no Brasil não é sinônimo de identidade racial. Evidenciamos que além da bipolaridade dos termos preto e branco, nesse entremeio há mais alguns termos que geralmente a população não branca emprega para afastar-se do estereótipo de negro. Os “pólos extremos são branco e negro, mas que no interior desta escala existem inúmeras denominações da categoria da cor, como, por exemplo, a categoria mulato, mestiço, cabo-verde, moreninho, cor-de-telha, etc.” (FIGUEIREDO, 2015, p. 154).

Reiteramos que pensar a cor no contexto contemporâneo está associado à definição empírica, ligada às questões fenotípicas. O processo de tornar-se negro, como descrito por Neusa de Souza (1990), é um processo lento de busca por uma auto-definição, perpassado por contextos históricos e políticos, por tensões e descobertas por histórias familiares e pela subjetividade. A definição do que é ser negra não é só uma questão racial, mas também de auto-afirmação do “eu”.

Nessa conjuntura o termo raça é usado para fins de segregação e exclusão social, uma das características do racismo é a naturalização de supostas diferenças raciais ou culturais, que servem para justificar os mecanismos de preconceitos e discriminações. Jacques D’Adesky (2009, p. 204) propõe que não devemos negar que existe um racismo apenas “porque se dança um samba, se aprecia a música Olodum ou se pedi conselho a ialorixá, isto não quer dizer que se

reconhece a cultura afro-brasileira”. É necessário que se perceba que há uma máquina do racismo, ou seja, ainda vivemos sob o mito da “harmonia racial”.

Lélia Gonzáles (1983), infere que os negros não querem ser aceitos apenas nas festividades do carnaval, período em que principalmente a mulher negra é posta como cartão postal do Brasil, ou seja, é servida como o “prato nacional”. E ao debruçar-se sobre as dinâmicas do racismo vê este como uma espécie de fobia, uma vez que a mulher negra ou de “cor” é quem educa os filhos da Casa Grande. Toma o filho do branco como seu, e lhe mastiga as palavras adocicando-as, aqui nos referimos à figura da “mãe-preta”:

Da perspectiva da psicanálise, o desejo da criança por quem exerce a função materna é uma característica universal da condição humana. Nesse sentido, há um desejo dos homens brancos pela mulher negra desde a mais tenra idade. Entretanto, as estruturas racistas impedem a realização desse desejo, o que cria a violência e o ódio racial. Essa é a característica mais marcante da nossa sociedade. (FIGUEIREDO, 2015, p. 161).

Observamos que a criança ao invés de criar laços de afetividade materna à mulher negra, este a vê como um objeto de desejo capaz de satisfazer as suas necessidades, visto que desde muito cedo lhe é instaurado o desejo pela mulher de cor, colocando está como uma coisa sujeita aos caprichos do branco, tanto que as constantes teorias raciais e escolas literárias tentaram sustentar que as negras e as mulheres não brancas são lascivas e libidinosas.

A representação da mulher negra na literatura oficial foi ignorada por muito tempo, os escritos dos homens brancos disseminaram a imagem da negra de duas formas: como a doméstica ou a figura da mãe preta e, depois, o da mulata, lasciva aos prazeres sexuais do homem branco. Os preconceitos que permeavam o imaginário dos homens era o da negra dotada de um apetite sexual selvagem, ou o ingênuo associado geralmente ao animalesco, reforçando os estereótipos de que os negros são inferiores seres bestializados.

Uma vez que há uma manutenção das imagens negativas em torno da mulher negra, servem como

mecanismo de exclusão, colocando-a no lugar de vítima ou estabelecendo relação com o seu corpo, o erotismo. A autora Conceição Evaristo intenta nos seus escritos imprimir no mundo uma imagem positivada da mulher negra, desconstruindo os estereótipos que lhes foram impostos.

Ângela Figueiredo (2015) afirma que as mulatas por muito tempo tentaram se afastar da imagem da mulher negra, visto que os negros eram associados como algo negativo e as mestiças queriam cada vez mais embranquecer, seja pelas suas relações sexuais afetivas com o homem branco, ou com o processo de alisar o cabelo, incorporar elementos que lhe afastassem do mundo negro. “O cabelo tem sido um dos principais símbolos utilizado nesse processo, pois desde a escravidão tem sido usado como um dos elementos definidores do lugar do sujeito dentro do sistema de classificação racial brasileiro” (GOMES, 2002, p. 45).

Angela Davis (2016) infere que as vivências das mulheres negras no período escravocrata foram marcadas por maus-tratos bárbaros, para legitimar o poder do patriarcado sobre elas e sobre os negros, por meio de violência física, sexual, racial e simbólica, praticadas como fruto da lógica do próprio sistema escravocrata:

Apesar das imagens estereotipadas da natureza feminina negra durante a escravatura serem baseadas no mito de que todas as mulheres negras são imorais e sexualmente perdidas, as narrativas da escravatura e os diários do século XIX não apresentam evidências que elas eram de qualquer forma mais “liberais” sexualmente do que as mulheres brancas. A grande maioria das mulheres negras escravizadas aceitaram a cultura sexual dominante e adaptaram-se às suas circunstâncias. As raparigas negras escravas eram ensinadas, como as suas parceiras brancas, que a virtude era o ideal espiritual natural das mulheres e a virgindade o seu estado físico ideal, mas o conhecimento da aceitação da moralidade sexual não alterou a realidade que não existia ordem social para protegê-las da exploração sexual. (HOOKS, 1981, p. 41).

A negra é constantemente associada ao prazer e ao trabalho pesado, como já foi enraizado nos “ditos populares ‘branca para casar, mulata para f... e negra

para trabalhar que foram evocados e legitimados na obra Freyreana, funcionam como elementos estruturantes das práticas sociais e afetivas dos indivíduos” (PACHECO, 2013, p. 52). Pontuamos que dada à conveniência do seu proprietário, a negra poderia ser vista como desprovida de gênero, lasciva ou reprodutora: “quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas” (DAVIS, 2016, p. 199).

A imagem da mulher negra foi desvalorizada durante o período da escravidão, estas eram vistas apenas como “objeto sexual, que vai predominar por muito tempo a imagem da puta” (SILVA, 2015, p. 98). Durante a escravidão, a mulher negra escrava era constantemente associada à imoralidade, prazeres, entregue à libertinagem; as negras foram por muito tempo acusadas de provocar os homens, dessa forma a mulher negra foi sendo incorporada como um ser detentor de uma sexualidade selvagem.

Representações sociais passaram a fazer parte das produções discursivas do saber ocidental, sobretudo, a partir do século XIX. Os negros e as mulheres foram associados ao mundo da natureza, devido às suas características físicas e biológicas “animalescas”; às mulheres foram atribuídas as funções de “reproduzir a espécie e a raça”. (PACHECO, 2013, p. 26).

Acreditamos que essa carga de lascívia associada à “cor” do pecado, à prostituição, à erotização, ao trabalho doméstico, as mulheres negras são incorporadas apenas para os prazeres sexuais e “as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes ‘à cultura do afetivo’, do casamento, da união estável” (PACHECO, 2013, p. 26).

Estas representações socialmente construídas em torno da sexualidade selvagem e afetiva das mulheres negras é incorporada ao imaginário do mercado matrimonial e sexual brasileiro. Para González (1979), as imagens das negras estão vinculadas, quase sempre aos estereótipos de servilismo profissional e sexual, segundo Gonzalez (1979, p. 13 apud PACHECO, 2013, p. 25):

A mulher negra é vista pelo restante d'a sociedade a partir de dois tipos de qualificação 'profissional': doméstica e mulata. A profissão de 'mulata' é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de 'mercado de trabalho' [...] produto de exportação.

Essa imagem e esses discursos em torno da mulher negra e da mulata corroborou para a criação desta última como "prato nacional". Lélia Gonzalez (1983) evidencia que a idealização dos estereótipos da mulher negra na sociedade brasileira dá-se a partir de três categorias: Mulata, prostituta e a mãe preta.

Representações sociais passaram a fazer parte das produções discursivas do saber ocidental, sobretudo, a partir do século XIX. Os negros e as mulheres foram associados ao mundo da natureza, devido às suas características físicas e biológicas "animalescas"; às mulheres foram atribuídas as funções de "reproduzir a espécie e a raça". (PACHECO, 2013, p. 26).

Pontuamos que a cultura da miscigenação brasileira é uma prática cultural que se realiza muito mais pela preferência afetiva-conjugal de homens negros, por mulheres brancas, mais do que ao contrário. Segundo Pacheco (2013) a miscigenação foi forçada, por meio de violência física, sexual, étnica e simbólica, praticada contra as mulheres negras como fruto da lógica do próprio sistema escravocrata.

As mulheres negras foram sendo gradualmente postas como inferiores e desvalorizadas na sua feminilidade. A mulher negra é tida como corpo sem mente, impossibilitada de construir sua autonomia intelectual, incapazes de gerar conhecimento, uma cultura difundida por séculos e constantemente associada ao prazer. No que se refere à categoria gênero constrói-se na sociedade por meio de discursos Segundo Joan Scot Gênero (1990, p. 21).

Gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é a forma primeira de identificar as relações de poder [...] Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro elementos entre si (SCOTT, 1990, p. 21).

Nessa conjuntura, gênero é uma construção que se apoia na dominação simbólica, entende-se que o mundo social constrói o corpo como uma realidade sexuada e depositária dos princípios da visão, da divisão sexualizante e da percepção pelo próprio corpo, composta pela condição biológica que estabelece as diferenças entre o feminino e o masculino.

3 "DORA RAINHA DO FREVO E DO MARACATU"³

A personagem Dora, dona de encantos e belas curvas, capaz de enlouquecer os homens, "tinha uma voz alta e melodiosa. O corpo melodioso também" (EVARISTO, 2013, p. 127). Ela era muito conhecida pelos demais moradores da comunidade, reiteramos que esta é apresentada na narrativa como a mulata sensual, tão explorada na literatura, mas com o desenrolar do romance "ela sinaliza a desconstrução de estereótipos negativos da mulher negra e aponta para a elaboração de uma nova história, afinal Dora é a única personagem que se mostra independente e emancipada" (SANTOS, 2016, p. 134).

A personagem é descrita como uma mulher que rezava e debulhava o terço, a mesma externaliza suas dores e angústias da sua condição de mulher negra e pobre, e vai deixando seus rastros nas contas do rosário, ou seja, expurgando as dores do passado. A personagem encontra amparo nos braços do novo morador da favela, o Negro Alírio:

Cedo, cedinho, junto com o sol que tentava enxugar-se, Negro Alírio levantou e saiu sem destino. Caminhou um pouco, sempre em frente. Sentiu cheiro de biscoito frito e de café quente no ar. E quando se deu por si, estava entrando por uma porta adentro. Deu de cara a cara, de corpo a corpo com Dora. A amizade, o amor rápido nasceu entre os dois. Entre goles de café e mordida de biscoitos, a vida, a história dos dois foi sendo colocada. Cada qual tomava a vida do outro, que já não era do outro, e sim também sua. (EVARISTO, 2013, p. 129).

3. Evaristo (2013, p.127).

Ao narrar seu passado ao parceiro, Dora expõe seus temores, suas angústias e seus medos, descortina seu passado ao rememorar suas vivências. Encantou-se por Alírio, pois ela nunca havia encontrado um negro que soubesse “ler e escrever”. Admirou sua história de vida, “imagine só, um homem tão pobre quanto ela, tão simples e que sabia ler, conhecia poucas pessoas negras que soubessem ler” (EVARISTO, 2013, p. 133).

Ela gostou também de ouvir da boca de um homem de cor a palavra negro, pois as vezes que ela tinha presenciado alguém falando este termo foi na voz dos brancos, mas de forma pejorativa e como xingamento “negro safado, negro filha da puta, negro baderneiro e tantos defeitos mais!” (EVARISTO, 2013, p. 133). Negro Alírio falava de forma orgulhosa da sua negritude, ele sabia dos seus direitos como cidadão, nenhum branco iria o oprimir e nem a seus irmãos de cor. Dora rememorou as lembranças da sua infância, da adolescência, da sua experiência com a maternidade:

Dora lembrou com lágrimas nos olhos, as brincadeiras de roda, a mãe fazendo os quitutes das patroas. O pai que sairá pelo mundo afora. O menino que ela tivera e entregara ao homem com quem deitara uma vez só uma vez e criara barriga. (EVARISTO, 2013, p. 130).

O romance é uma narrativa em que há fios soltos da memória e vão sendo costurados e (re)contados pelos B(ecos) da memória, problematizando as questões em torno do que é ser mulher e as dinâmicas em torno da maternidade, des(construindo) a experiência desta como um paraíso. “Filho quase sempre vem sem querer. E a mulher sempre carrega tudo. Carrega a barriga e as dificuldades” (EVARISTO, 2013, p. 132).

Mulheres subalternizadas, discriminadas em razão da etnia, da classe social, do gênero, elas sofrem todo tipo de desprezo da sociedade, mas resistem cuidando sozinhas de sua prole, porque seus homens morrem ou desaparecem. Forçadas a viver numa sociedade que as ignora ou descarta, elas não conseguem se inserir de maneira adequada, tornam-se migrantes, tentando sobreviver, em condições miseráveis. (FIGUEIREDO, 2009, p. 157-158).

Percebemos que as mulheres negras são vítimas de todos os tipos de discriminação e, no romance, a maternidade não é endeusada. Os personagens em seus diálogos, inferem que a maternidade quando é indesejada fica apenas para a mulher, que tem que trabalhar para alimentar e fornecer condições dignas à criança.

Dora é uma doméstica que gosta do seu trabalho e o faz com prazer. “Cozinhava bem. Casa para trabalhar nunca faltava e nem homem” (EVARISTO, 2013, p. 132). Geralmente as mulatas trabalham como quituteiras, domésticas, ou trabalhos ligados à subalternidade, de servidão:

Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. (GONZALES, 1983, p. 230).

Nessa conjuntura, Lélia Gonzalez ver a doméstica como uma mucama, remanescente da figura da mãe preta. Negro Alírio escolhe Dora para dividir sua vida, eles aceitam-se e se reconhecem na sua negritude, identificando o outro como parceiro ideal, aquele que é digno de admiração.

Olhou para Dora, a mulher falava com o corpo todo. Teve vontade de jogá-la em cima da cama e fazer com ela uma outra história. A história dele, dela e, quem sabe, de um filho. [...] Ele queria, como queria, mas não agora! Agora o que ele mais queria era falar dela e saber dela também (EVARISTO, 2013, p. 132).

Os personagens se identificam e suas vidas se cruzam, tornando-se um casal em que as vivências e a experiências os aproximam. Esses personagens se apresentam como conhecedores do mundo e do seu lugar, enaltecendo a importância da herança ancestral. Nessa perspectiva, Negro Alírio e Dora formam um casal emancipado e emponderado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história, a condição à figura da mulher negra foi difundida pela sociedade, literatura, história oficial e no imaginário coletiva, como a negra lasciva, entregue aos prazeres sexuais, sempre disposta a provocar prazeres nos homens ou como a prostituta libidinosa.

Em *Becos da Memória* (2013), a personagem Dora é vista pelos moradores da favela como uma mulher bela que é desejada pelos homens. Entretanto é respeitada pelos habitantes daquele lugar. Desde menina escolheu seus caminhos ousou buscar um teto todo seu, é uma mulher empoderada no sentido de escolher seu próprio destino, não se importando com o julgamentos dos outros, como no caso da maternidade que foi indesejada e ela não se fez de vítima.

No que se refere à escolha do seu companheiro constatamos que este é um dos personagens mais conscientes da sua negritude. Pois, por meio da busca pela leitura e o conhecimento apropria-se da sua cidadania plena, no sentido de que torna-se ciente dos seus direitos e deveres enquanto cidadão e lutava pelos ideais, buscava tomar posse do que lhe pertencia ao passo que também motivava os moradores da favela a exigirem serem ouvidos e respeitados pelos *donos do poder*, uma vez que sabia que muitos dos direitos dos negros e pobres são “esquecidos” pela máquina do racismo.

REFERÊNCIAS

- EVARISTO, Conceição. **Becos de memória**, Florianópolis: Mulheres, 2013. p.257-266.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. **Periódicus**, Salvador, n.3, v.1, maio- out. 2015. Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades Publicação periódica vinculada ao Grupo de Pesquisa CUS, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br>>. Acesso em: 19 set. 2016.
- FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. **A mulher negra nos cadernos negros**: autoria e representações. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009.
- D’ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**: racismo e anti-racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, 2002. Disponível em > <http://www.scielo.br/scielo> <. Acesso em 29 de ago. de 2016
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, 2, ANPOCS, Brasília, 1983, p.223-244.
- HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Trad. Marcos Santarrita. Estudos feministas, ano 3, n.2, p.464-478, 1995. Disponível em: <www.ieg.ufsc.br>. Acesso em: maio 2015.
- HOOKS, Bell. **Não sou eu uma mulher**: Mulheres negras e feminismo. 1981. Plataforma gueto, Rio de Janeiro, 2014.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica. (Coleção humanidades). 2012.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra:** afetividade e solidão. Salvador: ÉDUFBA, 2013. 382p.

SARDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista.** 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

SANTOS, Mirian Cristina dos. Problematizando o espaço privado em Becos da Memória, de Conceição Evaristo. **Revista Todas as Musas.** Ano 7, n.02, jan-Jul. 2016. Disponível em: <www.todasasmusas.org>. Acesso em: 30 set. 2016.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v.16, n.2, Porto Alegre, p.5-22jul-dez. 1990.

SILVA, Tatiana Raquel Reis. **Sexualidade e cor:** Mulheres negras e prostituição nas áreas centrais da cidade de São Luís-Maranhão. São Luís: EDUEMA, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

Recebido em: 9 e Junho de 2017
Avaliado em: 10 de Julho de 2017
Aceito em : 14 de Julho de 2017

1. Mestranda em Letras, Área de concentração Teoria Literária pela Universidade estadual do Maranhão; Integrante do Grupo de Pesquisa Neafrica (Núcleo de estudos, pesquisa e extensão sobre África e o Sul Global) e do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Literatura e Linguagem – LITERLI, linha de pesquisa Literatura e Memória; Bolsista CAPES. E-mail: sarah_froyz@hotmail.com

2. Doutora em Letras, Área de Concentração Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professora do Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e da Universidade Estadual do Piauí – UESPI; Coordenadora do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Literatura e Linguagem – LITERLI. E-mail: silvanapantoja3@gmail.com